

Solidários, devedores voltam a falar em ação comum.

Enquanto o vice-ministro do Comércio Exterior do México, Luís Bravo Aguilera, afirmava que outros países do Terceiro Mundo, da mesma forma que o Brasil, poderiam ver-se na necessidade de declarar a moratória, caso não se levantem as barreiras protecionistas, o presidente do Peru, Alán García, elogiava a decisão brasileira de suspender o pagamento dos juros da dívida externa. E em Buenos Aires já se falava que o secretário argentino da Fazenda, Mario Brodersohn, iria analisar com o ministro Dílson Funaro a possibilidade de o Brasil e a Argentina iniciarem uma "ação comum" para enfrentar o problema da dívida.

O presidente Alán García disse que a medida tomada pelo Brasil demonstra que a posição de seu

próprio país não era emocional nem descabida.

— A força de um grande devedor é decisiva para fazer entender até que ponto é necessário que os países da América Latina e o mundo pobre deixem de pagar a dívida, para desenvolver sua economia — afirmou o presidente peruano.

O presidente da Guatemala, Vinicio Cerezo, que se encontra em Lima para uma visita oficial, salientou que a atitude do Brasil demonstra que o problema da dívida externa poderia criar uma crise para os países credores e que seria essencial um novo plano de ajuda, para fortalecer a democracia na América Latina e no Terceiro Mundo.

A moratória do Brasil continua ocupando espaços consideráveis

na imprensa mexicana. Hoje, o presidente do Colégio Nacional de Economistas disse que a atual situação econômica da América Latina obriga as nações da região a deter "o processo ruinoso de transferências de recursos ao Exterior". E acrescentou que a recusa em unir forças para uma frente comum de negociações é absolutamente injustificável.

Desde o anúncio brasileiro sobre a moratória, manifestaram-se no México opiniões contraditórias por parte de políticos, empresários e economistas, em torno da conveniência de esse país tomar uma decisão similar. "O ex-presidente do Conselho Coordenador Empresarial, José Luis Coindreau, sustentou que uma moratória poderia ser útil ao México.